

# ARCHIVO LITTERARIO

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E RECREATIVO.

## ASSIGNATURAS : CÔRTE.

ANNO . . . . .	8\$000
SEMESTRE . . . . .	4\$000
TRIMESTRE . . . . .	2\$500

## PROPRIETARIOS

ANTONIO ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO  
ANTONIO JOSE CARNEIRO GUIMARAES

## ASSIGNATURAS : PROVINCIAS.

ANNO . . . . .	9\$000
SEMESTRE . . . . .	5\$000
TRIMESTRE . . . . .	3\$000

Publica-se todos os domingos. Recehem-se assignaturas nesta typographia — RUA DOS LATOEIROS N. 34 — e no escriptorio da Redacção, rua da Lampadoza n. 52. Recebe todo e qualquer artigo litterario para ser publicado, uma vez aprovados pela redacção.



9.723  
52

## ARCHIVO LITTERARIO.

RIO 13 DE SETEMBRO DE 1863.

E' sem fundamento algum o boato que circula, relativamente á desapparição do *Archivo Litterario*, por quanto nunca foi intenção nossa deixar desaparecer esta empreza envolta n'um crepe mortuário, como os que assim o desejaõ tem feito e continuão a propalar. A falta occasiōada do dia 6, foi devido á desorganisação da sociedade que havia com o Sr. Francisco José Alves Guimaraes; não obstante o mesmo senhor dizer que deixou de tomar parte do mesmo desde o dia 4º do mes proximo passado, dia em que sahio o primeiro numero: porém ninguem melhor do que o intelligent publico, poderá comprehendêr que tendo o mesmo senhor retirado o seu nome desde o dia acima determinado, como consentio que o mesmo saisse nos ns. 2 e 3, sem que ate ali annunciasse causa alguma!... ao publico pois deixam os formular o juizo que melhor entender.

A sociedade que havia com o Sr. Francisco José Alves Guimaraes, fica sendo substituida por Antonio José Carneiro Guimaraes, como novo proprietario.

Quando dissemos no n. 2 *assim como angariamos offerecidos tambem obtiremos inimigos gratuitos*, tivemos razão para assim pensar: estes tem procurado por todos os modos desconceituar nosso jornal, que tão beneficamente foi acolhido e aceito pelo illustrado publico iluminense. A parte critica denominada *a cuestra* que tanto tem agrado e mere-

cido a benevolencia de nossos assignantes, não se ocupando com vidas privadas, nem declinando os nomes das pessoas, e cujo fim é unicamente corrigir os erres praticados pela desmoralizada e corrompida sociedade; com tudo aquelles em cuja mente a par do despeito e desconfiança entra o ressentimento, julgando seu orgulho offendido, ei-los a caçar po conspirados contra nós, e procurando desconceitua-lo para com o publico. Uma prova evidente apareceu no *Jornal do Commercio* do dia 31 do mes proximo passado, não sei se devemos dar-lhe o nome de poesia, porque a ser assim iremos profanar um sacro dom que Deus concedeu ao homem, para com a pena exprimir e descrever as artes: censura-la seria inutil; ao lér tudo fica dito.

E' tão nogenta e asquerosa como o auctor que a escreveu: se nós julgassemos naquelle uma satyra ao *Archivo Litterario*, que mesmo seu assignatura fizessemos uma allusão em abono de seu auctor, estariamos prompts a responder-lhe, porém achamos aquello tão rasteiro, e abaixo da critica, que conhecendo nós seu auctor e por alli medindo os seus sentimentos, entendemos que não lhe deveriamos ligar a importancia que almejava, cruzando com elle nossa pena: já-nas lancamos mão desta sem justiça, e como escriptor já-nas a empunharemos sem consultar nossa consciencia.

Desprezamos as ameaças que nos fazem, assim como afugentamos aquelles que nos odeão; a par da energia temos a vontade e a força, para deixar de assim olhar: vergonha para nós se nos deixas-

semos dominar ou illudir por palavras vãs, e retrocedessemos no caminho que encetámos; quando o homem possue a animosidade do espirito, não encontra obstaculo algum que o faça retrogradar.

Se tivessemos sido dotados ou mimoseados por Deus, com o genio e inspiração de Voltaire e Boileau, reproduziríamos nessa linguagem, alguns caracteres dignos de menção; não possuindo porém nenhum desses genios satyricos, com tudo acabaremos de construir esse edificio ao qual já demos principio.

Conforme dissemos no nosso n. 2, do n. 3 em diante, trataremos das biografias dos homens mais celebres, quer nas armas, nas letras ou industria; o que não fizemos no n. 3 julgando não deixar passar despercebido, a morte repentina e tragica do distinto artista brasileiro João Caetano dos Santos, que deixou em tantos corações gravado o infastoso dia 14 de Agosto.

*A redacção.*

## LITTERATURA

## Os velhos retratos

## NOVELLA

— Ah! o senhor é o herdeiro! exclamou ella com voz pausada; então vou prevenir o tabellão.

— Com mil diabos! disse eu impacienteado; tratemos primeiro de nos abrigar; entremos, senhora Felicidade.

— Desculpe-me; confiarão-me a guarda da casa, respondeu resolutamente a velha; quero salvar a minha responsabili-

dade. O Sr. pode ali ficar; porque o Sr. Gaspar decidirá o que devo fazer.

E, sem esperar resposta, virou costas, e sumiu-se por uma viela.

Comecei então a andar por diferentes vezes os cem passos de terreno que ha em frente da minha herança. Ao cabo de meia hora, Felicidade tornou a aparecer, acompanhada por um homem gordo, corado, com oculos dourados, que se deu a conhecer como sendo o tabellão Gaspar, e a quem entreguei a carta que me tinha escripto, assim como os documentos comprobativos da identidade da minha pessoa. Depois de ter tomado conhecimento delles à luz de uma lanterna, quiz reconhecer bem se era eu a pessoa em questão, e ordenou que me deixasse entrar.

Durante estas formalidades, continuei a bater com as solas no chão afim de aquecer os pés, e a amaldiçoar, em vez baixa, os tabellões de aldeia. Quando a porta finalmente se abriu declarei secamente ao senhor Gaspar, que no dia seguinte iria a sua casa para pôr as cousas todas em regra, e entrei precipitadamente para um escuro corredor, sem o convidar a que me seguisse.

A velha criada brevemente apareceu com a sua lanterna, e conduziu-me para um salão antigo, mobiliado com quatro cadeiras de palha, uma velha poltrona estofada, e não tendo por adorno senão duas figuras de gesso, representando Paulo e Virginia, collocadas sobre o fogão entre quatro jarros de jaspé.

A dificuldade que tinha tido em me fazer reconhecer, renunciada ao incommodo produzido pela escrada e pela neblina, pôz-me de mau humor, o qual não procurei mesmo ocultar. Ordenei desabridamente à governante que me accendesse lume e que preparasse a ceia em quanto eu ia tomar conhecimento do resto da casa.

Pegando então n'um velho e negro casticel, em que havia um coto de vela, adornado por uma arandela de papel, comecei a percorrer a habitação do defunto primo.

Tudo correspondia ao salão em que tinha sido recebido. As tapeçarias desbotadas erão variadas, em algumas partes,

por peças mais vovas, que lhes davão o aspecto de farrapos remendados; os móveis de formas antigas e toscamento trabalhados, apenas garnecido imperfeitamente aposentos mal fechados; desvelo, elegancia, commodidade, tudo faltava nesta velha habitação: ali encontrei, segundo a minha opinião, um testemunho eloquente da rusticidade de nossos pais, e mais uma prova de que o bom senso e o bom gosto só tinham verdadeiramente começado na nossa geração.

O quarto de dormir, sobre tudo, causou-me abalo: o leito, em forma de ataúde, estava encerrado em quatro cortinas de sarja verde, picadas pela traça; sobre uma mesa, já sem gaveta, achava-se um jarro rachado e uma bacia de mão de diferente cor; finalmente, ao longo da parede, pendiam velhos retratos de família, capazes de causar crises nervosas a um entendedor. Pintados em diversas épocas, representavam personagens de diferentes profissões, entre os quais notei um eclesiástico, um comerciante, um juiz, um oficial, e finalmente um homem gordo semi-burguez, semi-cíltão, que a senhora Felicidade me declarou ser o seu defunto amo.

A discreta governante tinha vindo participar que a ceia estava prompta; segui-a pois para o salão.

A mesa estava posta, e o seu aspecto causou-me impressão. A toalha que, em meu obsequio, tinha sido tirada de um armario reservado, era matizada de riscas amarellentas; os pratos de barro pareciam ilustrados por immundos arabescos, que provavão o emprego do garfo e das facas; os copos, sem base, não se assimilavão pouco aos copinhos das nossas antigas tabernas; finalmente dous saleiros cambaios oferecião ao commensal, para temporo, salade cozinha epimenta pisada.

A senhora Felicidade servio-me de uma magra sopa e os restos de uma gallinha choça a quem a sua maternal sollicitude, apenas tinha deixado a pele e os ossos. A governante declarou-me que era este o sustento diario de seu defunto amo; mas, por obsequio a mim, aumentou-o com tres macas quasi podres e um pedaco de queijo em perfeito estado de putrefacção!

Quis provar o vinho; era uma surrapa turva fabricada com a uva do refugo.

Mais descontente do que nunca com a minha viagem, decide-me a ir para a cama. A velha alumou-me até ao quarto de dormir. O grande leito funebre, os velhos e denegridos retratos ainda me desagradarão mais do que da primeira vez. Voltei-me então para a minha gira, e perguntei-lhe se havia algum corretor de leilões em...

— Corretor de leilões! repetiu ella: não sabemos o que isso seja.

— Pois nunca ha aqui vendas públicas?

— Queira perdoar.

— E como se faz então isso?

— O portoiro da camara faz um pregão por todas as ruas da povoação.

— Pois bem! mande chamar amanhã o portoiro, e diga-lhe, que anuncie a venda de tudo quanto aqui se acha.

— De tudo! Então o senhor não guarda para si cousa alguma?

— Não.

— Nem mesmo as pinturas?

— Nem isso.

— Ah! o senhor de certo não fará tal cousa; olhe que são retratos de família!

— Já disse que vendo tudo. Boas noites.

Dizendo isto, tirei o castiçal da mão de Felicidade, que saio levantando as mãos ao ceu.

— E que quer ella que eu faça desses pannos esgaratujados? Ah! sian hei de vender-vos, grotescas imagens, ainda que não fosse senão por odio aos tempos que representaes! Este triste interior é vosso: estes costumes de parcimonia e falta de elegancia são os que haverás legado; esta vida, despojada de todos os encantos da civilisação moderna, é a vossa vida perpetuada pela tradição! Fora daqui, barbaros! Nós não somos da mesma raça: entre nós nada ha de commun.

Fallando assim comigo mesmo, dei-te-me na cama; porém o cansasso e o mau humor afastarão o sonmo. Peguei no volume da historia, que tinha trazido para me entreter no caminho, e depois no inventario da herança, que o tabellão me tinha entregue.

Tive então uma surpresa mais agradável do que as outras. A importancia total da herança montava a muito mais do que

eu supunha, e tornava-me quasi rico ! Esta inesperada descoberta diminuiu consideravelmente o meu despeito, e começo a tornar mais facil a digestão da pessima ceia que tinha tido. Fiz-me a examinar detalhadamente o inventario, até que as cifras começaram a ondear diante das minhas palpebras meio fechadas : por fim, perdi a consciencia do que me cercava.

(Continua.)

## VARIEDADE

### Estudantes Alemães e seus duelos.

Já que tratamos de apresentar tipos, apresentaremos hoje tipos Alemães ; e é para nós occasião de dizer em uma palavra, quais as suas ocupações, e seus duelos, que derão ao mundo civilizado uma triste ideia do seu progresso e adiantamento. Vamos falar à cerca dos jovens frequentadores das Universidades.

Um destes duelos consistia no que vamos expôr : por exemplo — na granja de uma estalagem, fora estão os vigias de atalaia, que são proprios estudantes, prestes a dar signal da apparição da polícia.

Para dar motivo ao duelo é qualquer causa futile... Sómente o que a voz publica apregoa, é que em cada principio de semestre, se organisavão entre os diversos corpos, que se reunião sob a presidencia de um *senior* ; a um signal dado pelo presidente, misturavão-se, injuriavão-se uns aos outros, tomado nota das affrontas, como se fossem promessas feitas n'um baile relativamente a qualquer quadrilha.

Eis os adversarios reunidos. O combate deve durar quinze minutos : no fim delles de direito está terminado..... Os actores são em numero de oito : O imparcial — (*Inparteiescher*) que preside ao combate e que toma a direita entre os mais antigos de um dos corpos que não combatem. — O medico, conserva-se perto para acudir a qualquer eventualidade que se der... Aquelle que é designado (*ponkauten*) os dois, que são os segundos (*secundaten*), que tem por

fim e dever aparar os golpes, e finalmente as testemunhas (*zeugue*), que tem por missão regular as diferenças e os detailes do duelo, para interceptar os golpes etc. O combatente está coberto de emplastos e mangas de couro, apertados de maneira que não fiquem expostos aos golpes dos adversarios. O imparcial, coloca-se no centro com uma cadeira de madeira, diante de si. Nesta cadeira, marca os golpes com gesso, ouro sim, tendo um relogio na mão elle marca o tempo que decorre.

Os combatentes achão-se diante delle, e ao lado as testemunhas.... Os segundos se aprestão para o combate com a cabeça e o braço preservado por os copos da espada, para sustar os golpes. Os demais estudantes são expectadores. No meio delles está o (*paukdoctor*), que já n'um lugar proximo prepára taças, bandejas e as agulhas que se destinão para a ablucão, ligaduras e unguento para as feridas.

O *Imparcial*, dá signal de combate por estas palavras *Silentium ! auf mensur, fertig : las !* (Silencio sobre o terreno, tudo está prompto, parti).... Os duelistas fazem brilhar suas compridas espadas ; os golpes chevem sobre a cabeça; as passadas succedem-se.

De repente um grito : *halt !* é lançado, parte das testemunhas ou do *Inparteiescher*. O combate cessa momentaneamente.

Esta exclamação surge quando o combate está em todo o seu ardor, fazem-no cessar desde que uma irregularidade ou um golpe o tornou desigual... Quando é uma ferida que motiva o *halt !* dirigem-se para o ferido e examinão o golpe e se é de cuidado dão a beber ao combatente um trago de grog, e elle continua.

.... O tempo de demora que leva para examinar o ferido, não entra na conta dos *quinze minutos do Combate regulamentares*. Estes quinze minutos são preenchidos pela luta, e o *Imparcial* com o relogio na mão, regula o tempo do combate...

Quando os quinze minutos estão passados, o combate qualquer que seja o resultado, de direito está terminado. O *Imparcial*, dá o aviso por estas palavras (*paukerci ex*) — fora do combate — contão então as feridas e arranhadellas, e escreve-se no livro de cada corpo acade-

mico o numero de ferimentos que é mister para preencher aquellas do corpo adversario. Feridas pequenas a que chamão *blutechen* (gotinha de sangue) não entram em conta. Não se julgam dignas de menção, se não aquellas que precisão de um emplasto e que tenham a honra de ser numeradas — *Se tales scena se dessem no Congo, exclamariam — que Selvagens !*

### Illustration.

JOSÉ ANTONIO FERNANDES DA FONSECA.

## POESIAS

### O meu tormento.

Nas horas longas de uma tarde amena  
Minha alma pena no fatal tributo,  
E tantas magôas que meu peito encerra  
Ninguem na terra lhe pranteia o luto.

Perdi a infancia e com ella a crença  
Na luta immensa d'um viver de horror!...  
E pouca a pouco vou perdendo a vida,  
Triste, abatida qual a murcha flor.

E tanta gloria que sonhei criança  
Tanta esperança que occultei nest'alma!..  
Hoje nem sonho de illusões de amor,  
Nem murcha flor de singella palma!...

Viver lutando no correr dos annos  
Soffrendo os damnos de infernal traição!  
Trocando palmas da união querida,  
Por esta vida que não tem perdão ! !

Oh ! Deus eterno ! e eu vivo ainda !  
Vergonha infinda para um pai traído !  
Vileza, opprobrio de um viver impuro.  
Negro futuro de um pensar perdido ! ..

Para que vivo ? para ver que um dia  
Pallida e fria estenderei a mão...  
Carpindo a dor que as entradas córta  
De porta em porta mendigando um pão !!

Depois... a campa, e o esquecimento...  
Nem um lamento nesse leito eterno !!!  
Sem um socorro ! Sem uma oração !  
Oh ! maldição ! maldição do inferno.

JOSEPHINA R. Q. P.

## A perjura.

Da mulher a jura e perpassar da brisa  
Que meigamente, balançava a flor;  
Da mulher a jura e scintilar da estrella  
Que mostra o brilho mas oculta a céu.

Da mulher a jura é desabrochar da rosa  
Que após colhida desfolhando vai;  
Da mulher a jura é formar das vagas  
Que mostra o dorso e n'um bejar s'esvae.

Jacastes arcanjo um amor constante  
Mas tua jura foi cruel delírio!...  
Traistes ingrata e no jurar fingido;  
Nada me resta que cruel martyrio.

Hoje desrido só me resta a endeixa,  
Que o peito solta ao descalvar da vida;  
Amei, fui louco! pois trahido sempre,  
Nada me resta que cruento lida.

Talvez encontro junto à campa fria,  
Calma a meu peito de sofrer cançado;  
Encontro um'ânia como eu descrente  
Que de-me um riso, um amor sagrado.

J. B. G. Lobo Pitta.

## Palestra.

Chegas a propósito, caro Alfredo, pois  
dispunha-me a sahir para ver se te encontraava.

Já vez que somos duas almas formadas  
uma para outra, em todas duas ha o mesmo gozo, e o mesmo pensamento, mas  
que tens tu? parece que estas aborrecido  
ou dominado por alguma... daquellas  
que sabemos eis! adivinhei?

Não, caro Jorge: tu ainda que ponco és  
mais novo do que eu, demais sei que não  
te zangas comigo por te dizer que foste  
injusto e muito vellovelha maneira que  
fizeste a descrição de um bale que teve  
lugar na rna da Lapa...

Já sei o que me vens dizer, porém adverte-te, que sou mais novo que tu, mas  
tenho mais animosidade, aquillo que disse  
foi um mero gracejo!... nada mais, e  
tanto assim que ja falei com o irmão,  
não me quis atender, com tudo não julguei que aquellas linhas feitas com...

Sem intenção de offensa, acredito mas  
não deves ser tão austero e precipitado,

Deveria ter comiserção com toda essa gente? Jorge se nos deixamos illudir com  
as palavras dessas *surplices* então seria-  
mos nós apupados no meio da praça pelos  
mesmos que pomparamos; dirá agora o  
mundo; eis ali um rapaz que leva a vida  
criticando da sociedade, mais tarde po-

derá dizer, contou pela imprensa muitos  
erros e abusos praticados pela corrupção  
da época.

Olha Alfredo, disse Jorge. Ali vem o  
Pinto, e para nós se encaminha.

Qual Pinto?

O da rua dos Ourives respondeu Jorge.

Ora vivão meus senhores não julgão  
como estou satisfeito pelos encontrar jun-  
tos, disse o novo recém-chegado.

Vós por aqui, disse Jorge, é grande no-  
vidade, ainda não ha muito que me dis-  
sesse que estás ha dous annos nessa casa  
ainda não te mandaria passejar um só  
domingo.

E' bem verdade, e hoje como sempre  
teria de ficarem casa, se meu bojudo amo  
não tivesse o *descoco* de me mandar re-  
ceber dinheiro ao domingo!

Receber dinheiro? ao domingo! n'um dia  
Santificado! ten amo ou está *enforca-  
do* ou tem a cabeça desorganizada como  
a máquina do meu relógio, disse Alfredo.

Decididamente, disse Pinto, von ver se  
arranjo uma casa *Franceza*.

*Franceza* disse Jorge, porém consta-  
me que essas são as de mais sujeição.

Sugestão! disse Pinto: pois bem, para  
contestar o contrario citarei um exemplo:  
Ha na rua dos Ourives uma casa *Franceza*  
de perfumarias, costuras e modas,  
que o caixeario della fuma, passeia quando  
quer, quando não quer senta-se, pagodeia,  
brinca, e na ausencia do amo que foi para  
fóra e não está à testa do negocio, pare-  
ce-me que até monta a cavalo, agora a  
madama senhora da casa é um anjo juvenil,  
amável e bem fazenda para proteger o seu...  
proximo, para corcar esta obra o caixeario  
usa de luneta de dous licos, quero di-  
zer, de dous vidros! o que o faz intere-  
sante é a cara espugada como uma batata  
e magro como um *Gatto*, que parece um  
macaco domesticado, ou a morte em cami-  
nhão, quando vai pôr termo a algum Chris-  
tão.

Mostras-me esse sujeito? disse Jorge.  
Ade pretendo cantal-o em verso.

Pois tu és poeta!... Olha que é um mal  
contagioso!... uma molestia terrível, se  
não fosse tanta *mania* esperadiga não  
estaria tanta gente no *Hospicio de D. Pe-  
dro II*. (Que Deus haja me livrar de lá ir,  
ao menos em quanto tiver juizo).

Alto lá men Alfredo, nunca almejai tal  
nome, contudo limite-me a fazer al-  
gumas decimas cujo princípio é este,  
ei-lo:

Na rua de muito ouro  
Casa numero meio cento,  
A um caixeario negento,  
Que precisa muito couro,  
Ou de juncos muito estouro,  
Porque é um *safado*;  
Não se lembra o *malandrião*,  
Que já andou de sacola;  
A pedir uma esmola  
Com um cego pela mão.

Bravo!... muito bem! quero que me  
faças uns versinhos a um *eujo* que já fu-  
presidente da *Sociedade Triânta e Um de  
Outubro*.

Seja o *Clemente*? perguntou Pinto.  
Conheces esse sujeito?

Quem não conhece o *Clemente*, o dignissimo *Clemente*, esse resfuso da socie-  
dade!... a *Triânta e Um de Outubro* composta  
de tantos e tão ilustrados jovens,  
não devião ter em seu gremio um verme,  
cujo alito e peçonha pode manchar a  
mais bem fundada reputação!... depois  
disso esse celebre consta-me que ainda  
não pagou a uma das damas, tendo com  
tudo recebido já os círculos, porém elle  
*umhaco empalmou-os* para pagar talvez  
ao alfaiate, e segundo me dizem... ai...  
ai... ai...

O que tens? que é isso? disse Jorge.

*Oscallos, os callos...* dei agora uma *topa-  
pada*, malditos callos.

Mas continua, o que ias dizendo agora  
disse Alfredo.

Segundo me dizem não é lá do tam-  
ado da torre da Candelária, mas também  
não é *pequerruchita*, e como esse miser-  
avel se não conhece a si proprio tu me  
me pediste um verso, ofereço-lhe este,  
ei-lo:

Se vejo certo banana,  
Com prosa de *thesoureiro*  
Na veda bebendo canna,  
E seado mór *azeiteiro*,  
De *caetus* concertador,  
E de *gaz* encanador,  
Comendo angú em cacos;  
Ei lhe digo meu amigo,  
Não me conformo contigo,  
Antes pentear macacos.

Explicação do Enigma no número antecedente:  
Os grandes casamentos são feitos por letra de  
câmbio.

Rio de Janeiro.

Typ. Económica, rua dos Latoeiros n.º 31.